

**Ana Maria Vieira
Ricardo Vieira
José Carlos Marques**
(Orgs.)

**TEMAS E CONTEXTOS
DE PEDAGOGIA-EDUCAÇÃO
SOCIAL**

Título: Temas e Contextos de Pedagogia-Educação Social.

Organizadores: Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques

© 2021, Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-

Colecção: Textos /

Depósito legal:

N.º edição:

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

Comercial@companhiadasartes.pt

novembro de 2021

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeia



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Índice

Prefácio	7
<i>José Ortega Esteban</i>	
Temas e contextos de pedagogia-educação social: uma introdução	13
<i>Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira e José Carlos Marques</i>	
Capítulo 1 – A formação de educadores sociais em Portugal: mesa-redonda sobre “Temas e Contextos de Educação Social em Portugal”	25
<i>Paulo Delgado, Cláudia Luísa, José Carlos Marques, Leonor Dias Teixeira e Rui Pedro Pinto</i>	
Capítulo 2 – Inovação, pedagogia social e desenvolvimento humano	59
<i>Isabel Baptista</i>	
Capítulo 3 – Educación social y pedagogía social: aproximación a su estado de cuestión en España	67
<i>José Antonio Caride</i>	
Capítulo 4 – Investigar la historia de la educación social en España desde sus microhistorias	87
<i>Victoria Pérez de Guzmán e Juan Francisco Trujillo Herrera</i>	
Capítulo 5 – Educación social. Retos ante la discriminación de mujeres y niñas. La trata de personas	107
<i>Encarnación Bas Peña</i>	

Capítulo 6 – Voluntariado, vinculação universitária, mediação e investigação	135
<i>Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
Capítulo 7 – Educação social em contexto autárquico	149
<i>Cláudio Lopes</i>	
Capítulo 8 – O educador social em contexto de biblioteca: práticas de promoção e animação cultural	173
<i>Catarina Coelho</i>	
Capítulo 9 – O acolhimento familiar de crianças e jovens no contexto brasileiro. Considerações sobre a experiência do município de Cascavel	197
<i>Paulo Delgado e Rachel Fontes Baptista</i>	
Capítulo 10 – (Sobre)viver no acolhimento terapêutico	213
<i>Igor Magalhães</i>	
Capítulo 11 – Educador social: um “sobrevivente” no mundo do acolhimento residencial (Diálogo com o texto de Igor Magalhães)	233
<i>Miguel Prata Gomes</i>	
Capítulo 12 – O educador social em contexto de acolhimento residencial – uma análise reflexiva	241
<i>Rolando Gaspar</i>	
Capítulo 13 – O associativismo, a profissão e a profissionalização da educação social	265
<i>Sílvia Azevedo</i>	
Sobre os autores	273
Sobre os organizadores	279

CAPÍTULO 6

VOLUNTARIADO, VINCULAÇÃO UNIVERSITÁRIA, MEDIÇÃO E INVESTIGAÇÃO

Ricardo Vieira
José Carlos Marques
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo dá conta de um projeto de investigação realizado na Escola Superior de Educação de Leiria (ESECS) e no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais do polo do Instituto Politécnico de Leiria (CICS.NOVA.IPLeiria) inicialmente designado de VEUMI – Voluntariado, Extensão Universitária, Mediação e Investigação –, que acabou por, durante o seu desenvolvimento, e pelas razões adiante explicadas, mudar para VVUMI – Voluntariado, Vinculação Universitária, Mediação e Investigação.

A ideia principal é a de investigar motivações por parte de quem procura fazer voluntariado e por parte de quem acolhe voluntários, assim como conhecer as competências idealizadas pelas organizações acolhedoras a fim de construir uma plataforma digital (<http://sites.ipleiria.pt/veumi/>), que sirva tanto a procura quanto a oferta, e produzir formação na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS.IPLeiria) para um voluntariado mais informado, mediador (Vieira & Vieira, 2016) e capacitador.

Em termos futuros, o projeto servirá quer para planificar e operacionalizar a realização de voluntariado, uma dimensão da designada “extensão universitária”, tão em voga na contemporaneidade, e que discutiremos adiante, quer para desenvolver investigação sobre intervenção social e mediação intercultural e comunitária nas organizações e instituições da região e do país.

Os objetivos principais do VEUMI, depois VVUMI, passam por: estreitar a ligação dos cursos da área social da ESECS.IPLeiria com as instituições onde os estudantes realizam estágios, para adquirir competências práticas ao longo do desenvolvimento curricular destes cursos; criar uma bolsa de voluntariado

sedeada na ESECS.IPLeia; planificar e operacionalizar a realização de voluntariado, uma dimensão da designada extensão universitária/vinculação universitária e responsabilidade social das instituições; promover formação em mediação intercultural para voluntários; identificar e investigar boas práticas de intervenção social e mediação intercultural e comunitária nas organizações e instituições da região e do país; e estudar as motivações dos estudantes para se envolverem em práticas de voluntariado.

2. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA OU VINCULAÇÃO UNIVERSITÁRIA? UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A “TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO”

A questão da transferência, conceito tão usual ainda em universidades portuguesas e europeias, em geral, enferma por um olhar muito monolítico e unidirecional, como explicamos de seguida, o que importa ultrapassar.

É vulgar ouvirmos que as funções da universidade são como que um tripé assente no ensino, na investigação e na extensão. Na verdade, nenhuma destas dimensões pode funcionar isoladamente. Pensemos um pouco sobre a “extensão” veiculada por discursos ideológicos, políticos, didatistas e ávidos de mostrar a aplicabilidade do saber universitário como se de um sistema de vasos comunicantes se tratasse: uma cabeça cheia que despeja conhecimento para mentes vazias, para lembrar Michel de Montaigne (1533-1592) ou Paulo Freire (1921-1997).

Muitas universidades e muitos institutos politécnicos, sem saberem muito das diferenças entre conhecimento e processo de conhecer, ainda hoje usam esse jargão [“transferência de conhecimento”] sem reflexão crítica, elencando ou promovendo valências e gabinetes de transferência de conhecimento. Parecem acreditar que o conhecimento é produzido, armazenado e, depois, simplesmente, vendido, entregue a comunidades e à sociedade em geral para que se atualizem, transformem, modernizem. Trata-se de alguma arrogância universitária que desconhece que há conhecimentos quotidianos e não apenas o conhecimento dito científico. Trata-se de algum vazio discursivo e vazio teórico-desenvolvimentalista. Efetivamente, o desenvolvimento é sempre endógeno, local, regional, nacional... De contrário, não o é. Se o “desenvolvimento” é exógeno, entramos no domínio da uniformização e da colonização cultural e no aumento da dependência, do envolvimento, ao invés do (des)envolvimento e consequente autonomia e empoderamento.

Como dizia Dewey (1933), o conhecimento é exterior, mas o ato de conhecer, esse, é interior e implica um trabalho de apropriação, de autoconstrução sobre um *background* de saberes, conhecimentos e sentidos. O ato de conhecer implica, assim, um trabalho bilateral, de mediação intercultural entre a instituição de ensino e os sujeitos, os grupos e/ou as comunidades. De vinculação, portanto, e não de extensão *versus* receção.

Esta matéria está muito presente em toda a obra de Paulo Freire na ousadia de construir pedagogias da autonomização. Na sua obra de 1969 [*Extensão ou comunicação?*], Paulo Freire já tinha proposto o termo ‘comunicação’ como marcando uma dimensão biunívoca, interativa e mediadora, necessária ao desenvolvimento, ao contrário da extensão, que remete para relações monistas, mecanicistas, unidirecionais e impositivas. Relações assimétricas de superioridade do saber autoafirmadas por quem entrega e de posturas de inferioridade cultural dos que recebem, uma inferioridade heteroconstruída pelos invasores culturais apetrechados com a neutralidade e objetivismo do neopositivismo incorporados nas fórmulas mágicas de *coaching* para mudar o mundo com que alguns tecnocratas, engenheiros, gestores e políticos invadem a especificidade da epistemologia das Ciências Sociais talvez mesmo sem darem conta disso.

É importante não só mudar as práticas da relação das universidades com a sua envolvente, mas, também, os próprios discursos, a começar pelo nome das coisas, que espelha a filosofia dominante na materialização do referido tripé universitário, adjetivado, cada vez mais, no século XXI, de inovação [à qual chamam inovação social, confundindo-a com inovação tecnológica].

Assim, esta primeira reflexão levou a mudar o próprio nome do projeto inicial (VEUMI) para “Voluntariado, Vinculação Universitária, Mediação e Investigação” (VVUMI), uma vez que não estamos perante uma obra acabada mas, antes, dando conta de um projeto/processo de investigação sempre em aberto.

3. DA NATUREZA INACABADA DA INVESTIGAÇÃO

A natureza contínua da investigação é, aliás, uma característica comum à generalidade da investigação que é marcada pela incerteza, provisoriedade e revisibilidade do conhecimento que vai sendo produzido e conhecido. A natureza não definitiva da investigação científica constitui uma premissa assumida pela generalidade da comunidade científica, ainda que, como refere Bourdieu (1984), o *Homo Academicus* goste do produto final, da obra feita...

Em 1987, num seminário realizado na École des Hautes Études em Sciences Sociales, Bourdieu (1989) expunha, assim, algumas das suas ideias sobre o

ensino/aprendizagem da investigação em Ciências Sociais, indicando, também, algumas sugestões para o seu próximo seminário de investigação:

Gostaria hoje, excepcionalmente, de procurar explicitar um pouco as intenções pedagógicas que tento seguir na prática deste ensino. Na próxima sessão pedirei a cada um dos participantes que apresente de modo breve e exponha em termos sucintos o tema do seu trabalho – isto, insisto, sem preparação especial, de modo muito natural. O que espero não é um discurso em forma, quer dizer, defensivo e fechado em si mesmo, um discurso que procure antes de mais (e é compreensível) esconjurar o medo da crítica, mas uma apresentação simples e modesta do trabalho realizado, das dificuldades encontradas, dos problemas, etc. Nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades. [...].

Uma exposição sobre uma pesquisa é, com efeito, o contrário de um *show*, de uma exibição na qual se procura ser visto e mostrar o que se vale [...].

Hei-de apresentar aqui – será, sem dúvida, mais adiante – pesquisas em que ando ocupado. Terão ocasião de ver no estado que se chama *nascente*, quer dizer, em estado confuso, embrionário, trabalhos que, habitualmente, vocês encontram em forma acabada. O *Homo Academicus* gosta do acabado. Como os pintores académicos, ele faz desaparecer dos seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e os retoques [...]. (Bourdieu, 1989, pp. 18-19)

É nesta esteira que posicionamos este texto: pinceladas sobre um tema/problema em processo de investigação. Uma obra aberta (Eco, 1968) que iremos completando até à construção da plataforma que irá gerir a oferta e a procura de voluntários. Na realidade, é isso que sucede com o presente projeto, que, por insuficiente apoio institucional, não foi devidamente terminado, acabando, assim, por continuar em aberto.

4. DA UTILIDADE SOCIAL DO VVUMI

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, das Licenciaturas em Educação Social e em Serviço Social, bem como do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Intervenção Social e Comunitária (ISC), temos sentido, na ESECS, a necessidade de operacionalizar pedidos de voluntariado quer da parte de instituições, quer, especialmente, de alguns estudantes que não sabem onde se dirigir quando pretendem fazer voluntariado. Assim, tanto para estreitar a ligação destes cursos com as instituições onde os estudantes realizam estágios, como para adquirir competências práticas ao longo do desenvolvimento curricular destes cursos, propusemos realizar um projeto de criação de um banco de voluntariado, sediado na ESECS.IPLeiria, com os seguintes objetivos:

- Estreitar a ligação dos cursos da área social da ESECS-IPLeiria com as instituições onde os estudantes realizam estágios, para adquirir competências práticas ao longo do desenvolvimento curricular destes cursos;
- Criar uma bolsa de voluntariado sediada na ESECS-IPLeiria;
- Planificar e operacionalizar a realização de voluntariado, uma dimensão da designada extensão universitária e da responsabilidade social das instituições;
- Promover a formação em mediação intercultural para voluntários;
- Investigar e identificar práticas de intervenção social e mediação intercultural e comunitária nas organizações e instituições da região de Leiria e estudar as motivações dos estudantes para se envolverem em práticas de voluntariado;
- Organizar um banco de voluntariado e investigação quer sobre a procura por parte das organizações, quer por parte dos voluntários (necessidades de formação).

5. DA PERTINÊNCIA DO PROJETO

O *Livro Verde sobre Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior*, uma publicação da ORSIES (Marques, 2018), é bem claro na sustentação de uma aprendizagem-serviço baseada em projetos sociais e de voluntariado. A obra diferencia aprendizagem-serviço de voluntariado, considerando que a primeira corresponde a uma aprendizagem através da experiência, cujo exemplo pode ser encontrado no âmbito de unidades curriculares que buscam uma maior implicação por parte dos estudantes conjugada com o desenvolvimento de competências de cidadania; e a segunda se situa no “serviço prestado à comunidade e no desenvolvimento de competências de cidadania, sem um investimento tão intenso no planeamento, por parte das IES [Instituições de Ensino Superior], das atividades a realizar” (Marques, 2018, p. 73). No âmbito do voluntariado, “surge como relevante o envolvimento dos estudantes, docentes e partes interessadas externas, em projetos sociais e ações de voluntariado que promovam as aprendizagens nas quatro vertentes referidas [saber, saber fazer, saber ser, saber viver juntos], de forma integrada” (Marques, 2018, p. 73).

Neste contexto, a Lei n.º 71/98 estabelece as bases do enquadramento jurídico do voluntariado em Portugal. O voluntariado surge aqui como “o conjunto de acções de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins

lucrativos por entidades públicas ou privadas” (art.º 2.º, n.º 1). A mesma Lei refere, no seu art.º 2.º, n.º 2, que, neste âmbito, não são consideradas iniciativas de caráter isolado ou esporádico, sublinhando a exigência de continuidade na prática do voluntariado.

A pertinência deste estudo enquadra-se, claramente, nas recomendações do *Livro Verde sobre Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior*, que, no seu ponto 2.4.2, elenca diversas recomendações para o reforço do apoio das IES ao voluntariado dos estudantes (Marques, 2018, p. 90), entre as quais:

- a) “Estimular a atuação estratégica das IES em termos de voluntariado”, definindo um programa de voluntariado institucional e estratégico, especificando as áreas prioritárias e auscultando as partes interessadas, através de apoio a iniciativas de voluntariado dos estudantes e de outros atores sociais;
- b) “Criar condições efetivas de participação dos estudantes em programas de voluntariado extracurriculares”, através, por exemplo, de plataformas de voluntariado, integração das práticas de voluntariado no suplemento ao diploma, e da organização de eventos que valorizem as práticas de voluntariado.

Mais à frente, no ponto 4.2., esta mesma obra salienta a importância da “Prestação de serviços à comunidade que contribuam para a resolução de problemas sociais concretos” (Marques, 2018, p. 116):

- a) “Participação e desenvolvimento conjunto de projetos comunitários e sociais, nomeadamente nas áreas da educação, formação e emprego e inclusão social [...]. A disponibilização de competências por parte das IES no contexto de projetos comunitários e sociais poderá ter um forte impacto na comunidade e região em que está implantada [...]” (Marques, 2018, p. 121);
- b) “este aspeto poderá ser suportado por programas de voluntariado que envolvam estudantes e docentes” (Marques, 2018, p. 121).

Relativamente à recomendação do ponto 4.2.1, ela sublinha especificamente a promoção da “participação das IES em projetos com elevado potencial de inovação e impacto social” (Marques, 2018, p. 121):

- a) “Estimular a participação das IES em projetos de desenvolvimento local, regional, nacional ou internacional, em articulação com os processos de ensino e investigação em particular os que promovam o combate à pobreza e exclusão social” (Marques, 2018, p. 121);

- b) “Incentivar a participação dos membros da comunidade académica em projetos de extensão à comunidade” (com valorização dessa participação através, por exemplo, do Suplemento ao Diploma e Avaliação de Desempenho) (Marques, 2018, p. 121).

6. ESTADO DA ARTE

Quanto ao estado da arte, em Portugal, sobre voluntariado, há ainda pouca investigação e publicação. Da bibliografia já analisada, retira-se que as razões por que se faz voluntariado passam por:

- Desenvolver competências pessoais e sociais;
- Satisfação em ajudar os outros;
- Investimento/oportunidades;
- Treino para uma profissão;
- Melhorar as perspetivas de empregabilidade;
- Desenvolver redes sociais;
- Contribuir para a formação da identidade profissional;
- Certificação/reconhecimento de competências adquiridas com a prática do voluntariado;
- Importância do trabalho voluntário no desenvolvimento das competências do estudante universitário;
- Promover a cidadania ativa e participada e a solidariedade.

Em termos de abordagem mais individualista, sobressaem as análises do voluntariado que evidenciam os valores do altruísmo e a importância que os indivíduos atribuem a ajudar os outros (Hustinx, 2008; Purdam & Tranmer, 2008). Por outro lado, Jones (2006) e Porta (2008) apresentam estudos mais assentes nos valores da solidariedade, da democracia, da intervenção cívica e do exercício da cidadania. Moura Ferreira (2008) defende que os jovens voluntários apresentam uma maior consciência cívica. Como referem Serapioni, Ferreira, e Lima (2013), o voluntariado permite colocar “em prática valores como a solidariedade e a não discriminação e contribuir para o desenvolvimento harmonioso das sociedades europeias”, podendo, por isso, “ser considerado como uma dimensão fundamental da democracia e da cidadania ativa” (p. 21).

Serapioni et al. (2013) referem ainda que

em 2006 o Comité Económico e Social Europeu, no âmbito do que a Estratégia de Lisboa definiu como desenvolvimento sustentável – incluindo a sustentabili-

dade ambiental, a solidariedade e a democracia – reconheceu o relevante papel desempenhado pelo voluntariado, particularmente em termos da promoção da coesão social, atividades no domínio do ambiente e reinserção de desempregados de longa duração. (p. 37)

Esta mesma obra indica que Portugal é um dos países da Europa onde menos se faz voluntariado. Efetivamente, segundo os Censos de 2012 (INE), 11,5% (1 milhão e 400 mil pessoas) de pessoas fazem voluntariado.

Portugal encontra-se numa posição inferior à maioria dos países da Europa, ocupando a antepenúltima posição no Inquérito Especial do Eurobarómetro de 2011 (INE, 2013). Ana Delicado (2002) identifica alguns fatores que podem justificar a baixa taxa de voluntariado em Portugal, tais como a integração tardia da democracia e, conseqüentemente, a escassa participação cívica; os baixos níveis de escolaridade; e a especificidade do mercado de trabalho português, caracterizado pelo longo horário laboral.

Segundo o Inquérito ao Trabalho Voluntário de 2018, 695 mil pessoas com 15 ou mais anos participaram em atividades voluntárias sem remuneração. A taxa de voluntariado (percentagem de voluntários / população total) foi, em 2018, de 7,8%, sendo ligeiramente maior nas mulheres (8,1%) do que nos homens (7,6%). Os dados deste inquérito mostram, ainda, que o voluntariado encontra maior expressão no escalão etário dos 15 aos 24 anos (11,3%) e que o envolvimento em atividades de voluntariado aumenta com o incremento do nível de escolaridade (foi de 15,1% nos indivíduos com ensino superior e de 3,2% nas pessoas com o 1.º ciclo). A área dos serviços sociais constitui a área principal de exercício dos voluntariados (36,2%), seguindo-se a área da cultura, comunicação e atividades de recreio e da religião, com 15,7% do total de voluntários formais (voluntariado realizado através de uma organização).

7. ASPETOS METODOLÓGICOS

Para além da revisão bibliográfica já realizada e a aprofundar futuramente, esta investigação cruza instrumentos de pesquisa mais quantitativos, como é o caso do inquérito por questionário, de que apresentamos alguns resultados de seguida, com instrumentos de investigação mais compreensiva, assente em entrevistas aprofundadas a voluntários e potenciais voluntários para compreender as motivações dos mesmos, e ainda na investigação-ação a realizar. O recurso a estas metodologias permite conhecer melhor a realidade das instituições e dos voluntários e sustenta o desenho de formação adequada quer às solicitações das

instituições auscultadas, quer à ESECS.IPLeiria, designadamente através da mediação intercultural como paradigma da construção de pontes interculturais, capacitação e preparação para uma intervenção social humanizadora (Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido, 2018).

Do processo investigativo

Foi aplicado, já, um questionário inicial, por estudantes, a instituições da região de Leiria, tendo, até ao momento, sido recolhidas respostas de 57 instituições. A ideia é cobrir todo o universo da região de Leiria de modo a obter um mapeamento completo das instituições da região e das suas práticas e necessidades de voluntariado. Neste contexto, o questionário inclui um conjunto de questões que permitem um conhecimento mais aprofundado das Instituições Sociais, seus recursos humanos e áreas de intervenção, bem como as necessidades de voluntários e ligações ao voluntariado.

8. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Foram aplicados dois questionários com o objetivo de conhecer as Instituições Sociais, os seus recursos humanos e as áreas de intervenção, bem como as necessidades de voluntários e ligações ao voluntariado. O universo das instituições a inquirir foi fixado em todas as instituições da região de Leiria.

O primeiro questionário, com o objetivo de validar o instrumento de recolha de dados, foi aplicado por estudantes a instituições (57). Os resultados deste inquérito preparatório mostram que:

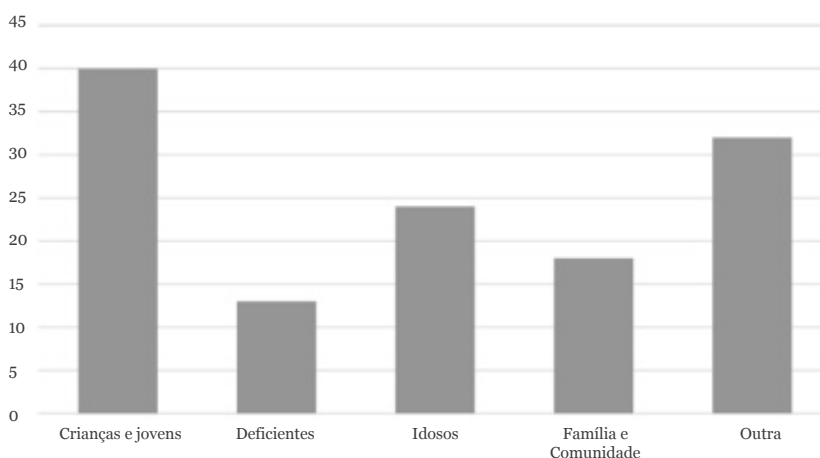
- a) quanto às áreas de intervenção, sobressai a “solidariedade social”, com 27 respostas, seguida da educação (15) e da saúde (11);
- b) das 57 instituições, 28 têm voluntários;
- c) 32 instituições respondem que estão interessadas em receber voluntários e 31 manifestam interesse em integrar a bolsa de voluntariado do IPLeiria;
- d) relativamente às temáticas que consideram importantes na formação de um voluntário, destaca-se “a comunicação e o relacionamento interpessoal”, assim como a “ética no voluntariado” e a “escuta ativa”.

O segundo questionário seguiu uma metodologia que procurou abranger o maior número possível de organizações. Para o efeito, elaborou-se um questio-

nário *online* e enviou-se o endereço para este questionário às instituições sociais que têm colaborado com a ESECS. Apesar de se ter optado por uma estratégia de difusão diretamente dirigida às instituições cuja opinião nos interessava, a taxa de resposta não foi, até ao momento, muito significativa (o que, por si só, poderia ser um objeto de estudo interessante).

O âmbito de intervenção das Instituições Sociais que responderam ao inquérito e, em particular, a esta questão, são as crianças e jovens, deficientes, idosos, e família e comunidade (Figura 1). De notar que a grande maioria das instituições optou por não responder a esta questão.

Figura 1. Âmbitos de intervenção das Instituições Sociais inquiridas (n=127)



Fonte: Inquérito ao Voluntariado, CICS.NOVA.IPLeiria, 2019.

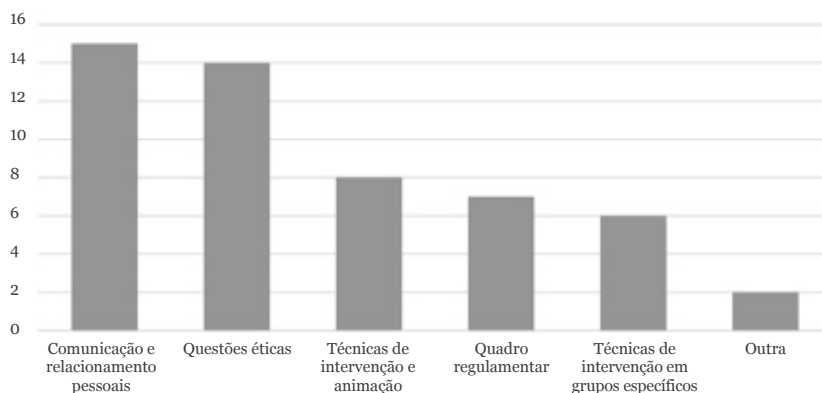
Quando questionadas sobre se tinham voluntários a colaborar na instituição, a maioria das instituições (83) optou por não responder, 19 responderam de forma afirmativa e cinco negativamente. O principal contributo dos voluntariados nas instituições foi questionado através de uma pergunta de resposta livre. Em resultado das respostas obtidas, os contributos dos voluntários para as atividades das instituições podem ser classificados nos seguintes tipos:

- Apoio em atividades comuns das instituições;
- Atendimento de utentes;
- Desenvolvimento de novas atividades.

Como um dos objetivos do projeto VVUMI é o de relacionar a disponibilidade de voluntários com as necessidades de voluntariado por parte das organizações/instituições, o inquérito incluía uma questão destinada a aferir o interesse das organizações/instituições em integrar, enquanto entidades de acolhimento, uma bolsa de voluntariado. Das instituições que responderam à questão, 18 indicaram estar disponíveis para acolher voluntários.

À semelhança do primeiro inquérito, foi questionado se as instituições consideravam importante a frequência de ações de formação por parte dos voluntários. A maioria das instituições respondeu afirmativamente (17). A formação em aspetos relacionados com a comunicação e o relacionamento pessoais e em questões éticas ligadas com o voluntariado foram as áreas de formação mais referidas pelas instituições. Seguiram-se temáticas relacionadas com aspetos técnicos, como técnicas de intervenção e animação sociocultural (8), quadro regulamentar do trabalho voluntário (7) e técnicas de intervenção com grupos específicos (6) (Figura 2).

Figura 2. Temáticas consideradas importantes na formação de um voluntário (n=52)



Fonte: Inquérito ao Voluntariado, CICS.NOVA.IPLeiria, 2019.

Os dados apresentados, apesar de ainda escassos, são interessantes por indicarem as diferentes possibilidades de intervenção ao nível do voluntariado e por identificarem, ainda que de forma incipiente, áreas de formação relevantes para a ação do voluntário.

Seguir-se-á, mais tarde, a aplicação presencial do inquérito por questionário e entrevistas aprofundadas a voluntários e potenciais voluntários para compreender as motivações dos mesmos.

9. ALGUMAS CONCLUSÕES

São escassos os estudos sobre o voluntariado em Portugal. Este estudo dá um primeiro contributo para cruzar a procura e oferta de voluntários e inventaria o desejo de formação para os voluntários que integrem a bolsa do IPEiria. Surge em consonância com o *Livro Verde sobre Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior*, coordenado por Rui Marques (2018), e com o estudo de Serapioni e colaboradores (2013), que refere a importância das universidades na promoção do voluntariado e de uma cidadania ativa promovendo, mais do que a extensão, a vinculação entre IES e as comunidades onde estão implantadas.

As questões de resposta aberta foram muito pouco respondidas. Relativamente à pergunta aberta “No caso de ter respondido que a instituição já teve voluntariado, indique os principais contributos”, a título de exemplo, apenas três instituições responderam que houve ganhos acrescidos (“implementação de novas atividades”, “apoio aos jovens ao longo das atividades lúdicas”, “auxílio nas atividades de animação”), permitindo alvitrar que as instituições estão sobrecarregadas de trabalho e têm pouco tempo para dedicar ao preenchimento de questionários ou, então, têm escassa reflexão sobre a importância do voluntariado.

Foi possível concluir que mais de metade das instituições inquiridas está interessada em integrar a bolsa de voluntariado da ESECS.IPEiria e que todas consideram fundamental a formação para o voluntariado.

Relativamente às temáticas que consideram importantes na formação de um voluntário, destacam-se “a comunicação e o relacionamento interpessoal”, assim como a “ética no voluntariado” e a “escuta ativa”, como fundamentais para uma intervenção mediadora (Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido, 2017).

Apesar de ainda estar em estado inicial, a investigação produzida mostra que parece ser de enorme relevância a concretização deste estudo, que se materializará, finalmente, numa plataforma de gestão para instituições e voluntários para melhor conhecimento das partes na implementação de práticas de voluntariado, de que a bolsa de voluntários, acessível pelo *link* <http://sites.ipleiria.pt/veumi/>, pode ser um bom exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. (1984). *Homo academicus*. Paris: Éditions Minuit.
- BOURDIEU, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- DELICADO, A. (2002). *Caracterização do voluntariado em Portugal*. Lisboa: Comissão para o Ano Internacional dos Voluntários.

- DEWEY, J. (1933). *How we think*. Boston: D. C. Heath & Company.
- ECO, H. (1968). *Obra aberta*. S. Paulo: Ed. Perspetiva.
- FREIRE, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* R. J.: Editora Paz e Terra. (obra original publicada em 1969).
- HUSTINX, L. (2008). *New forms of volunteering in Europe: Toward a late modern re-construction of dwindling phenomenon*. Stockholm: CINEFOGO.
- JONES, K. S. (2006). Giving and volunteering as distinct forms of civic engagement: The role of community integration and personal resources in formal helping. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 35, 249-266.
- MARQUES, R. (2018). *Livro verde sobre responsabilidade social e instituições de ensino superior*. Lisboa: ORSIES.
- MOURA Ferreira, P. (2008). Associações e democracia – Faz o associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses?. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 57, 109-130.
- PORTA, D. (2008). *Social movement activism in Europe. Evidences from a research on the global justice movement*. Stockholm: CINEFOGO.
- PURDAM, K., & Tranmer, M. (2008). *Help in context: A multilevel analysis of the European social survey*. Stockholm: CINEFOGO.
- SERAPIONI, M., Ferreira, S., & Lima, T. M. (2013). *Voluntariado em Portugal: Contextos, atores e práticas*. Lisboa: Fundação Eugénio de Almeida.
- VIEIRA, A., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia social e mediação intercultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs.). (2017). *Concepções e práticas de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Ed. Afrontamento.
- VIEIRA, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs.). (2018). *Da mediação intercultural à mediação comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Porto: Ed. Afrontamento.